

## O REPERTÓRIO DE ATAQUE À JUSTINIANO E À TEODORA, NA OBRA *ANEKDOTA*, DE PROCÓPIO DE CESARÉIA (SÉC. VI)<sup>1</sup>

Nathália Wernersbach Chagas Peters<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo busca revisitar a obra *Anekdotá*, de Procópio de Cesaréia, compreendendo os protocolos de ataque levados a cabo pelo autor no intuito de desqualificar Justiniano I e Teodora, extraindo as virtudes e os vícios elencados para ambos, a fim de comparar suas representações na obra, enraizadas sobretudo em questões de gênero. Ademais, visa-se analisar, de maneira conjunta, o par Justiniano I e Teodora, vislumbrando seu poder coligado, em uma recusa a enxergá-los separadamente, como normalmente se percebe na historiografia tradicional que se debruça sobre o Império Bizantino no século VI. Para a análise dessas personagens, recorreu-se à parte 2 da obra *Anekdotá*, documento histórico que revela a audácia e a coragem de seu autor ao descrever aspectos escusos de uma corte, enquanto Justiniano I ainda imperava. Por fim, fez-se o uso de conceitos como o de gênero, segundo Joan Scott (2022); o de representação, de Roger Chartier (2002); o de voz pública das mulheres, conforme Mary Beard (2018). Já como método, utilizamos a análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2009).

**Palavras-Chave:** Antiguidade Tardia. Relações de gênero. Justiniano I e Teodora. Procópio de Cesaréia. *Anekdotá*.

### ABSTRACT

This article seeks to revisit the work *Anekdotá*, by Procopius of Caesarea, understanding the attack protocols carried out by the author in order to disqualify Justinian I and Theodora, extracting the virtues and vices listed for both, in order to compare their representations, based on gender issues. Furthermore, it aims to jointly analyze the pair Justinian I and Theodora, glimpsing their combined power, in a refusal to see them separately, as is usually seen in traditional historiography that focuses on the Byzantine Empire in the sixth century. For the analysis of these characters, part 2 of the work *Anekdotá* was used, a historical document that reveals the audacity and courage of its author when describing hidden aspects of a court, while Justinian I still reigned. Finally, this article uses concepts such as gender, according to Joan Scott (2022); representation, based on Roger Chartier (2002); the public voice of women, by Mary Beard (2018); and, as a method, we used content analysis, proposed by Laurence Bardin (2009).

**Keywords:** Late Antiquity. Gender relations. Justinian I and Theodora. Procopius of Caesarea. *Anekdotá*.

### INTRODUÇÃO

No século VI, Constantinopla se apresentava para o mundo como ponto geográfico estratégico entre ocidente e oriente, estabelecendo-se entre o mar de Mármara, o estuário do Chifre de Ouro e o estreito de Bósforo. Dessa forma, as pessoas que ali se estabeleciam se

---

<sup>1</sup> Artigo resultante da pesquisa de Conclusão de Curso em História na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [nathaliawernersbach@gmail.com](mailto:nathaliawernersbach@gmail.com)

conectavam e se afetavam mutuamente (ABUFALIA, 2001). Nesse sentido, o governo de Justiniano, que perdurou do ano de 527 ao ano de 565, interagiu com boa parte do mundo habitado e, portanto, o modo como ele e sua esposa Teodora reinaram se torna paradigmático para se compreender um momento de clímax da Antiguidade Tardia, combinando rupturas e continuidades para com o mundo clássico romano tradicional (EVANS, 2005).

Logo, o presente artigo analisa, sob o viés da perspectiva de gênero<sup>3</sup>, o repertório de ataque selecionado por Procópio de Cesaréia na obra *Anekdotá*, também conhecida como *História Arcana* ou *História Secreta*, no momento em que o autor avalia o par Justiniano e Teodora. Estes, por sua vez, compõem o mais alto posto da corte imperial bizantina no século VI: o de imperador e o de imperatriz, respectivamente.

É bom estabelecer também que, embora em *Anekdotá* haja uma apreciação de número considerável de personagens femininas e masculinas, para além do par imperial, algumas pessoas recebem maior enfoque textual por parte de Procópio de Cesaréia. Por isso, a fim de garantir rigor e aprofundamento teórico-metodológico, optou-se por realizar um recorte no que diz respeito às personagens iluminadas pela fonte, ressaltando, sobretudo, os capítulos que versam sobre as representações de Teodora e de Justiniano.

Vale destacar que, em oposição às duas outras obras famosas escritas por Procópio de Cesaréia, a dizer, *História das Guerras* e *Sobre os Edifícios*, em *Anekdotá* se faz um pesado e aberto ataque à, então, casa imperial bizantina, anunciando crimes cometidos, vícios e posturas que fugiam do convencional e do esperado socialmente, tanto por parte de Justiniano, como por parte de Teodora, algo que fica mais notável, sobretudo, na segunda parte da obra, destinada à análise desse casal. Por outro lado, embora critique amplamente ambos, a forma como o faz é muito diferente e está calcado em expectativas que a sociedade da época nutria em torno do gênero feminino e masculino no *locus* de poder. Assim, analisar o discurso de Procópio, a fim de entender a razão de seu descontentamento, é o cerne da análise deste artigo.

Contudo, o ataque à casa imperial ou mesmo a personagens femininas no poder, em detrimento das masculinas, não é incomum na História do Império Romano. Ocorre que, na obra *Anekdotá* há uma ruptura com a tradição, pois, até então, as críticas aos governantes

---

<sup>3</sup> Ver teoria sobre as questões de gênero em SCOTT, J. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.

eram realizadas postumamente, em forma de anti-panegírico<sup>4</sup>, já que os riscos de retaliações imperiais eram sempre significativos se ocorressem em vida, uma vez que acusações de lesa-majestade eram tidas como gravíssimas, visto que violaria a dignidade do soberano. Nossa fonte, por seu turno, fora escrita aproximadamente no ano de 550, enquanto Justiniano permanecia reinante. Desse modo, *Anekdotia* se trata de um documento histórico com características que o torna especial, devido à coragem e à audácia de descrever os aspectos escusos de uma corte como Procópio fez, conforme será esmiuçado no desenvolvimento deste artigo.

Portanto, buscamos explorar a obra *Anekdotia* de forma singular, levantando as virtudes e os vícios elencados para o casal, bem como os protocolos de ataque promovidos por Procópio de Cesaréia, a fim de desqualificá-los, além de comparar as representações criadas para ambos. Também se almeja contribuir para o debate historiográfico lacunar, já que o mais comum é encontrar análises, dentro da historiografia tradicional do Império Bizantino (século VI), que discorram sobre Justiniano e Teodora. Quando essa fragmentação ocorre, dificulta-se ou, ao menos, minimiza-se a compreensão da complexidade de papéis políticos que esse par desempenhou, bem como sua força.

Pretende-se, pois, analisar de maneira conjunta, Justiniano e Teodora, vislumbrando seu poder coligado, que culmina em uma relação de gênero inusitada para o período em questão. Logo, busca-se contribuir para a comunidade científica, com vistas a ampliar o pensamento sobre o lugar de fala feminino em *locus* de poder, tema que vem ganhando espaço entre os estudiosos, mas que ainda encontra hiatos na historiografia tradicional. Com isso, esperamos que, futuramente, novas pesquisas permitam expandir horizontes, a fim de melhor entender este governo específico, no que diz respeito às relações de poder até então aceitas entre homens e mulheres, culminando no seguinte questionamento: quais os vícios e as virtudes deste imperador e desta imperatriz para Procópio de Cesaréia, na obra *Anekdotia*?

Para tanto, utilizamos os seguintes conceitos: o de gênero, segundo Joan Scott (2022); o de representação, conforme Roger Chartier (2002); o de voz pública das mulheres, de acordo com Mary Beard (2018) – autora que percebe na tradição greco-romana uma tentativa de silenciamento das figuras femininas em lugares de poder. Como metodologia, fruímos da

---

<sup>4</sup> O gênero panegírico, na Antiguidade Clássica, se tratava de um discurso laudatório, que emulava e elogiava a figura de alguém. Já o anti-panegírico cumpre à função inversa, criticando duramente determinado personagem. Como exemplo de panegírico, ler *Panegírico à Marco Aurélio*, e de anti-panegírico, ver *Os Césares*, obra satírica escrita pelo imperador Juliano a fim de atacar os governantes que o antecederam, à época do Principado.

análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2009), aplicada para tratamento das informações levantadas na fonte e para a construção do quadro categorial com os vícios e virtudes das figuras femininas e masculinas em *Anekdotia*.

Por fim, no intuito de apresentar o caminhar e os resultados desta pesquisa, o presente artigo está subdividido em seções, em três etapas de desenvolvimento, uma sobre Procópio de Cesaréia e a obra *Anekdotia*, outra em que se faz um balanço historiográfico a respeito das figuras de Justiniano e Teodora e, na sequência, analisamos o repertório de ataque à casa imperial em *Anekdotia*, para, por último, apresentarmos nossas considerações e reflexões finais.

### **PROCÓPIO DE CESARÉIA E A OBRA ANEKDOTA**

Quando se pensa nas fontes disponíveis para o estudo do governo de Justiniano e, consequentemente, para o entendimento do par Justiniano e Teodora, o primeiro nome utilizado por boa parte da historiografia é justamente o de Procópio de Cesaréia, reconhecidamente um dos maiores historiadores do século VI (EVANS, 2005), e, portanto, filtro através do qual nos debruçaremos para obter informações sobre esse momento (CAMERON, 1996).

Procópio é lembrado pela escrita de três documentos: *História das Guerras*, na qual relata os embates travados pelo governo de Justiniano; *Anekdotia*, em que trata de alguns escândalos da vida privada de Justiniano e de Teodora, desqualificando-os sem uso de meias palavras e *Sobre os Edifícios*, obra mediante a qual conhecemos o programa de construções levados a cabo pelo imperador. Por meio dessas obras, os estudiosos encontram arcabouço valioso para se entender melhor o Império Bizantino no século VI.

Contudo, não são vastas as informações que temos acerca da biografia de Procópio, a ponto de elucidar sua vida anterior ao momento em que ingressa no serviço imperial. Isso porque poucos são os dados sobre sua infância e origem social, bem como são escassos os informes sobre sua preparação educacional, de forma que o *Souda*, primeira enciclopédia bizantina, do ano 1000, seria a grande fonte que dá pistas sobre a vida de nosso autor, mas, ao mesmo tempo, as informações lacunares ampliam os desafios à prática de análise histórica.

Diante do exposto, sabe-se que Procópio de Cesaréia – conforme indicaria o próprio nome –, teria nascido em Cesaréia, região da Palestina, tendo estudado Direito, algo que

revela, possivelmente, que nosso autor não viria de uma origem social humilde, tornando-se, na sequência, conselheiro de Belisário, um dos grandes generais de Justiniano, acompanhando-o em investidas militares. Após receber o título de ilustre pelo próprio imperador, Procópio também passa a atuar no Senado, o que demonstra a posição social e o respeito que alcançou, sob a aprovação de Justiniano.

Quanto à obra que fundamenta este artigo, *Anekdotia* jamais fora oficialmente publicada por Procópio de Cesaréia. Na verdade, o documento só foi recuperado do interior da biblioteca do Vaticano em 1623<sup>5</sup>, pelo arquivista Nicoló Alemanni, que o publicou sob o duplo título *Anekdotia* e *História Arcana*. Vale frisar, ainda, que foi apenas no ano de 1891 que Jakob Haury confirmou a autoria do texto como sendo de Procópio. Essa demora é explicada pela diferença de linguagem dessa fonte se comparada às outras obras oficialmente publicadas por nosso autor tardo-antigo.

*Anekdotia* se trata de documento histórico com características especiais, uma vez que nunca antes houvera um autor que abordasse verdadeiros crimes cometidos por um casal imperial como Procópio fez enquanto o imperador vivia e reinava, realizando explícitos ataques pessoais ao par imperial, com inúmeros trechos em que a linguagem beira a pornografia, trazendo informações que manchariam a reputação do governo, caso viesse à tona, já que o documento teria sido escrito aproximadamente em 550, logo após a morte de Teodora (KALDELLIS, 2010).

Em vista disso, vale dizer que o gênero *anekdota*<sup>6</sup> esteve disseminado pelo mundo antigo, com amplo emprego, constituindo-se como uma forma de texto curto e em que, muitas vezes, o autor é desconhecido (ROHMER, 1992 apud VALLOZZA, 2013). Etimologicamente falando, trata-se de algo que ainda não fora publicado, segundo a origem grega, ou mesmo se refere a uma produção inédita, se caminarmos para o entendimento no latim.

Uma das características mais marcantes deste gênero textual é o fato de deixar claro as intenções e a personalidade do autor, muitas vezes com um tom moralista. Outro ponto marcante é o destaque que se faz a uma pessoa ilustre, já reconhecida socialmente (JIMÉNEZ, 2007), como é o caso de Justiniano e de Teodora. Além disso, é comum que uma *anekdota* confira magnitude a eventos específicos e, *a priori*, de pouca relevância, em busca de sua

---

<sup>5</sup> Até essa data o documento era tido como perdido, segundo a historiografia, embora o termo *Anékdota* já tenha sido mencionado na *Souda*, primeira enciclopédia bizantina de aproximadamente do ano 1000, lacuna esta ainda problemática para a análise da obra.

<sup>6</sup> Ver GROTHE, Heinz. *Anekdotie*. Stuttgart: Metzler, 1984.

universalização (VALLOZZA, 2013). Entendendo isso, vale dizer que Procópio segue essa cartilha moralista à risca, ficando nítido na linguagem que utiliza para questionar o passado da Imperatriz, focando na promiscuidade do status de atriz para aquela sociedade, que em muito se assemelhava ao de uma cortesã, com o objetivo de acabar com a dignidade de Teodora.

Quanto à maneira como o texto se organiza, vale dizer que em uma *anekdota* não há preocupação com a periodização precisa, tal como ocorria nas cronografias do período, muito embora o autor costumasse fazer uma contextualização de seu tempo e seu espaço na introdução do texto (JIMENEZ, 2007), chamada de *occasio*. Na sequência, o autor constrói sua *provocatio*, em que faz uma interrogação ou revela determinado acontecimento e, por fim, realiza o *dictum*, espécie de resposta àquilo que fora outrora levantado (VALLOZZA, 2013). Tal estrutura é seguida por Procópio na documentação base para este artigo, a fim de pôr como *dictum* a ineficiência e os vícios do governo Justiniano, devido às más ações da casa imperial e à própria promiscuidade de suas origens.

Por fazer uso da verossimilhança, o conteúdo expresso pelas *anekdotas* eram “contados como reais e como reais são recebidos” (VALLOZZA, 2013, p. 147), talvez pelo próprio jeito como o autor se revelava, através de linguagem sem meandros, crua e que, em Procópio, beira o obsceno. Não obstante, tradicionalmente no século VI, eram as cronografias que cumpriam a este papel lugar de verdade<sup>7</sup>. Lembrando que o tom jocoso, com uma pitada de humor, também é algo comum às *anekdotas*, diferente da seriedade da cronografia tradicional (JIMENEZ, 2007).

Por tal razão, embora a obra de Procópio não se enquadre como cronografia – visto que o autor elege apenas um governo para a sua análise, mesclando uma abordagem que combina aspectos públicos e privados –, o fato de trazer como personagens centrais o imperador e a imperatriz já torna a obra tema de um Estado, objeto monárquico e, portanto, político. Mantem-se, então, uma relação estreita com a própria História, pois ajuda a iluminar o *ethos* da corte imperial bizantina do século VI. Não obstante, como há um núcleo de verdade na obra de Procópio, vislumbra-se um ponto de intersecção com a cronografia tradicional, trazendo pontos de contato que permite compreender a corte bizantina, embora uma *anekdota* fosse, formalmente, muito distinta de uma cronografia.

---

<sup>7</sup> Ler *Cronografia* de João Malalas, cronista de Antioquia do século VI, que relatou as facetas do governo de Justiniano.

## UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO A RESPEITO DAS FIGURAS DE JUSTINIANO E TEODORA

Diante do universo de debates historiográficos de que temos conhecimento e que versam sobre as figuras de Justiniano e de Teodora, realizou-se um balanço a partir das pesquisas e produções desenvolvidas pelos seguintes historiadores: James Evans, Lynda Garland, Anthony Kaldellis, Thomas R. Martin e David M. Potter, a fim de apurar o que de significativo se construiu acerca da figura deste imperador e desta imperatriz até este momento.

Primeiramente, é bom destacar que ambos, mesmo ocupando o mais alto posto da corte imperial bizantina no século VI, provinham de origem humilde: Justiniano, de uma família camponesa; Teodora, uma ex-atriz de teatro (POTTER, 2015). Evans (2001) indica, por exemplo, que Justiniano só ascendeu ao trono por força de seu tio imperador, Justino, que o tratava como filho que nunca teve.

Em se tratando da figura política de Justiniano, a historiografia costuma concordar com o caráter ímpar deste governo. Nesse sentido, Evans (2005) afirma que ele foi um ponto de virada para o Império Romano, uma vez que é nesse momento que a Itália e o norte da África, antes em mãos bárbaras, são reconquistados, para além da ocupação de uma posição estratégica na Espanha, o que marcou a remodelação e a ampliação das fronteiras geográficas do Império Romano. Lembrando que todas essas façanhas eram largamente propagandeadas.

Evans (2005) também salienta que uma das mais vindouras qualidades desse imperador era ser um reformador incansável, isso porque promovera várias transformações no código jurídico de seu tempo. Inclusive, novas leis foram criadas no intuito de alcançar uma administração mais eficiente, com uma Igreja fortalecida e unificada, de modo a deixar como legado sua reforma legal, em duas edições: o *Digesto* e o *Institutas*, embora só tenha chegado à contemporaneidade a segunda delas.

Para além da alteração na legislação vigente, Evans (2005) enaltece a importância do programa construtivo erguido a mando de Justiniano, que incluiu a remodelação da Hagia Sofia, que ganhou ainda mais imponência no espaço citadino de Constantinopla, além da Hagia Eirene. Frisa também sobre o papel do imperador na contenção dos bárbaros, recuperando parte do domínio romano perdido outrora.

Apesar de todos esses novos contornos que pareciam conformar uma nova realidade, Evans (2005) é bem claro ao dizer que velhos problemas não deixam o Império: tesouro esvaziado pelas guerras e pestes que minam a população. Assim, todas essas mudanças acabaram por alimentar descontentamentos de grupos já infelizes com o governo e insatisfeitos com os impactos na velha ordem social, o que culminará na própria Revolta de Nika. Mas esse autor também irá colocar que, embora Justiniano agisse muitas vezes de forma despótica, parecia também se preocupar com seus súditos, ao menos no que diz respeito às novas iniciativas jurídicas.

Martin (2014) concorda com Evans (2005) no sentido de entender a relevância dessa chefia para o destino do Oriente, na medida em que o imperador busca erigir sua fama *pari passu* a ações que pudessem recuperar a antiga glória romana, muito em virtude das guerras de reconquista em territórios ocupados por bárbaros. Martin (2014) enfatiza ser esse um momento marcado pela burocracia estamental e pelo excesso de taxas, de impostos e de permissões necessárias a qualquer processo. Não obstante, devido aos descontentamentos crescentes, a legitimidade de Justiniano se vê em risco e sua característica autocrática se torna mais clara e aberta, esvaindo o poder das elites provinciais. Sobre isso, vale ressaltar que novos protocolos de conduta são criados, por exemplo, prevê-se que todos se reclinem diante do imperador e da imperatriz, além de criar uma imagem de um governo em total conexão com o sagrado.

Contudo, é impossível analisar Justiniano sem vislumbrar o alcance de sua “consorte dada por Deus”<sup>8</sup>, conforme palavras do próprio imperador. Teodora era filha de um adestrador de ursos da facção verde do hipódromo, chamado Akakios, e, após a morte do pai, ela começa a trabalhar nos palcos de teatro, inclusive realizando serviços sexuais, juntamente com suas outras irmãs.

Evans (2002), pesquisador eloquente da Antiguidade Tardia, nos lembra que nessa época, o status da atriz perante a sociedade era similar ao das prostitutas. Como resultado, entender como a personagem sai do mundo das encenações, da dança e da mímica, com todo aspecto negativo que tal posição carregava, e ganha a confiança e o amor do imperador, mesmo já apresentando uma filha, é demonstrativo da capacidade de Teodora superar boa parte dos obstáculos sociais e maledicências que marcava sua história. Aliás, para que o

---

<sup>8</sup> Termo empregado na Novela 8.1 (15 de abril de 535), lei de reforma provincial do governo de Justiniano. Ver em *Cassiodorus, Variae* 10.20.2; Iustinian, Novel 8.1.

casamento fosse possível, precisou-se alterar o código civil permitindo que uma ex-atriz se casasse com alguém de sua posição (GARLAND, 1999).

A historiografia costuma concordar com o fato de Teodora ter sido uma imperatriz reinante, que transcendeu as tradicionais ocupações de uma esposa de imperador, que normalmente envolvia a ajuda aos oprimidos. Por exemplo, Potter (2015) nos informa que ela começou a acompanhar os encontros do consistório imperial, algo único mesmo para uma mulher em sua posição, indicando sua proeminência política ao transcender o que era esperado pela sociedade.

Para Evans (2002), essa imperatriz apresentaria certas virtudes masculinas – considerando a percepção dos papéis de gênero pela sociedade bizantina do século VI –, como a calma em situações políticas conturbadas. Logo, entendemos que o poder de Justiniano e Teodora poderia se manter coligado, ou seja, representaria uma união de forças que se somavam, inclusive o próprio imperador reconhecia o valor de sua esposa, considerando-a sua consorte. Vale destacar ainda, que ela detinha certa autonomia na gestão de querelas religiosas, por exemplo, quando analisamos sua defesa acerca dos monofisitas perante os calcedônios (EVANS, 2002).

Mais ainda, Potter (2015) a vê como agente política de suma importância para a manutenção de Justiniano no poder, destacando sua beleza reconhecida, mas, sobretudo, sua perspicácia, além de habilidades que incluía saber ler e escrever sozinha. Nas palavras desse autor, ela seria agente da transformação, estabilizando o governo durante crises graves, como na Revolta de Nika, demonstrando sua inteligência no jogo político, qualidades que extrapolariam o que era esperado para uma imperatriz, fato este que a trouxe inimigos.

Outra questão interessante é que as próprias cerimônias e protocolos que envolviam a corte ganharam nova roupagem, de maneira que, a partir do governo de Justiniano, os súditos e, inclusive, os senadores deveriam se reclinar e beijar os pés do imperador e de sua esposa. Lembrando que anteriormente nenhuma saudação formal era destinada à figura das imperatrizes (EVANS, 2005).

Somado a isso, o código jurídico de Justiniano é famoso por ampliar os direitos concedidos às mulheres, por exemplo no que diz respeito ao casamento, ou mesmo pela busca do fim da prostituição forçada, e, possivelmente, parte dessas mudanças tiveram como raiz as experiências vividas por Teodora. Mesmo que ela não quisesse lembrar a sociedade a todo

tempo de suas origens, fica claro que algum papel exerceu nesse conjunto de mudanças (GARLAND, 1999). Assim, ambos desempenharam papéis políticos de destaque.

Em suma, percebe-se que a historiografia de referência, que aqui versamos e de que temos conhecimento, parece concordar com a centralidade dessa figura feminina para se entender esse governo e, até mesmo, compreender as dinâmicas de poder do século VI.

## O REPERTÓRIO DE ATAQUE À JUSTINIANO E À TEODORA EM *ANEKDOTA*

Embora Procópio de Cesaréia critique amplamente as figuras do imperador e da imperatriz em *Anekdotas*, a forma como o faz é muito diferente no que diz respeito às questões de gênero, deixando subentendido que o lugar esperado de fala e de poder, no mundo romano antigo tradicional, diferia o masculino do feminino<sup>9</sup>. Isso porque, muito embora nosso autor demonstre desconforto significativo em relação à origem social de ambos, como se a base humilde dos dois manchasse o sangue real romano, a depreciação que desenvolve textualmente varia conforme o sexo da personagem alvo.

Fazendo um levantamento dos vícios apresentados por Procópio em torno das personagens Justiniano e Teodora, na obra *Anekdotas*, elencamos os excertos na tabela 1.1 abaixo:

**Tabela 1.1 Vícios de Justiniano e de Teodora**

|            | VÍCIOS                                          | PROVENIÊNCIA DO EXCERTO                  |
|------------|-------------------------------------------------|------------------------------------------|
| JUSTINIANO | “(…) a causa de desastres para os romanos (…).” | Prokopios, <i>Anekdotas</i> , II, 6, 19. |
|            | “(…) o maior destruidor de boas instituições.”  | Prokopios, <i>Anekdotas</i> , II, 6, 21. |
|            | “Como uma nova calamidade enviada do céu (…).”  | Prokopios, <i>Anekdotas</i> , II, 6, 23. |
|            | “(…) extraordinariamente burro (…).”            | Prokopios, <i>Anekdotas</i> , II, 8, 3.  |
|            | “(…) burro estúpido (…).”                       | Prokopios, <i>Anekdotas</i> , II, 8, 3.  |

<sup>9</sup> Para melhor entendimento da percepção de feminino e de masculino no mundo romano ver FEITOSA, L.C. *Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008. Editora UFPR.

|         |                                                                        |                                          |
|---------|------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
|         | “(…) similar a Domiciano, filho de Vespasiano, de caráter imundo (…).” | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 13. |
|         | “(…) propenso ao mal (…).”                                             | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 22. |
|         | “(…) tolo e vilão em um.”                                              | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 22. |
|         | “(…) nunca falava a verdade (…).”                                      | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 22. |
|         | “(…) uma fusão de tolice e malícia.”                                   | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 23. |
|         | “(…) irônico no discurso (…).”                                         | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 24. |
|         | “(…) traiçoeiro em suas intenções(…).”                                 | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 24. |
|         | “(…) hipócrita (…).”                                                   | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 24. |
|         | “(…) secretamente vingativo (…).”                                      | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 24. |
|         | “(…) duas caras (…).”                                                  | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 24. |
|         | “(…) não confiável como aliado (…).”                                   | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 26. |
|         | “(…) traiçoeiro como um inimigo(…).”                                   | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 26. |
|         | “(…) desejo de assassinato (…).”                                       | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 26. |
|         | “(…) ganancioso (…).”                                                  | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 26. |
|         | “(…) facilmente persuadido a cometer o mal (…).”                       | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 26. |
|         | “(…) personagem nojento (…).”                                          | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 10, 5. |
|         | “(…) caminho da ilegalidade (…).”                                      | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 10, 5. |
|         | “(…) falta de vergonha (…).”                                           | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 10, 5. |
| TEODORA | “(…) destruiu a raiz do Império Romano (…).”                           | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 1.  |
|         | “(…) serviço antinatural do corpo.”                                    | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 10. |
|         | “(…) nenhuma habilidade para o <i>aulos</i> (…).”                      | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 12. |
|         | “(…) vulgaridade de backup para os comediantes.”                       | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 13. |
|         | “(…) sem vergonha (…).”                                                | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 14. |

|  |                                                                          |                                          |
|--|--------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
|  | “(…) novas técnicas sexuais, (…).”                                       | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 15. |
|  | “(…) tentava a todos (…).”                                               | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 15. |
|  | “(…) escravizada à luxúria em todas as suas formas.”                     | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 16. |
|  | “(…) frequentemente grávida, (…).”                                       | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 19. |
|  | “(…) mais talentosa do que qualquer outro em planejar atos vergonhosos.” | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 22. |
|  | “(…) abusava de seu próprio corpo licenciosamente, (…).”                 | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 24. |
|  | “(…) a poluição.”                                                        | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 25. |
|  | “(…) mulher doente.”                                                     | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 26. |
|  | “(…) como um escorpião, (…).”                                            | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 26. |
|  | “(…) louca de inveja.”                                                   | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 26. |
|  | “(…) infame entre as mulheres comum (…).”                                | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 29. |
|  | “(…) falta de sutileza (…).”                                             | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 48. |
|  | “(…) camponesa de origem bárbara, (…).”                                  | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 48. |
|  | “(…) adornada com grandes abominações, (…).”                             | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 10, 3. |
|  | “(…) abortos voluntários.”                                               | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 10, 3. |

Fonte: confecção da própria autora.

Com base na análise de conteúdo da tabela, percebe-se, pois, que se em *História das Guerras* e em *Sobre os Edifícios*, Procópio de Cesaréia fez um esforço para construir a figura de Justiniano enquanto poderoso, emulando-o com a finalidade de propagandear seus grandes feitos e de se criar um discurso de poder que o ajudou a manter sua governança, em *Anekdotia*, ao contrário, realiza uma dura crítica ao imperador, sobretudo, responsabilizando-o pelo enfraquecimento de instituições promotoras de justiça e de segurança social, causando um estado de confusão e de desordem no Império (Prokopios, *Anekdotia*, II, 8, 4).

Logo, ao descrevê-lo, nosso autor tardo antigo o compara a uma verdadeira praga ou calamidade que teria atingido a todos (Prokopios, *Anekdotia*, II, 6, 23). Exemplificando esse poder destruidor e desagregador de Justiniano, Procópio lembra das instabilidades e ocorrências de crimes cometidos pela facção azul do hipódromo e que, em grande medida, permaneciam sem punição, uma vez que o grupo era apoiado pelo imperador. Tal situação culminou em ampla violência.

A ruína caiu sobre cada pessoa sem aviso, e ninguém vingou os caídos. Leis e contratos haviam perdido qualquer poder que pudessem ter derivado da segurança da ordem social, e tudo agora era governado pela violência e, portanto, era fundamentalmente instável. O estado era virtualmente indistinguível da tirania, nem mesmo uma tirania que estava há muito estabelecida em seus caminhos, mas uma que continuava a funcionar todos os dias, no tumulto de uma renovação contínua. (Prokopios, *Anekdotia*, II, 7, 30-31)

Ademais, Procópio o coloca como um sujeito bobo (Prokopios, *Anekdotia*, II, 8, 3), alguém fácil de se ludibriar e de se manipular (Prokopios, *Anekdotia*, II, 8, 26), mas ao mesmo tempo um indivíduo sem escrúpulos éticos. Ao caracterizar a personalidade do imperador, o autor diz:

Um tipo incomum de mistura havia ocorrido dentro dele, uma fusão de tolice e malícia (...). Este imperador, então, era irônico no discurso, traiçoeiro em suas intenções, um hipócrita, secretamente vingativo, de duas caras, um homem formidável à sua maneira e altamente hábil em esconder sua verdadeira opinião. (Prokopios, *Anekdotia*, II, 8, 23-24)

Em suma, o imperador é visto por Procópio de Cesaréia como grande “destruidor de boas instituições” (Prokopios, *Anekdotia*, II, 6, 21), inclusive deturpando a justiça ao se favorecer, quando se utiliza do tio imperador na busca de uma mudança no código jurídico para que pudesse se casar legalmente com Teodora, uma ex-atriz. Por essa razão, nosso autor chega a considerar que o trono fora montado ilegitimamente (Prokopios, *Anekdotia*, II, 9, 51).

Para além de esfacelar instituições outrora já consolidadas (Prokopios, *Anekdotia*, II, 6, 21), em *Anekdotia*, Justiniano é culpabilizado como o causador de grandes desastres, trazendo pobreza generalizada ao Império (Prokopios, *Anekdotia*, II, 6, 19). Ele representaria, pois, a ruína de toda aquela sociedade, provocando a decadência de todo um Império. Procópio resume: “a prosperidade, então, migrou para fora da terra dos romanos por causa dele, enquanto ele inaugurava uma era de pobreza para todos.” (Prokopios, *Anekdotia*, II, 8, 33). Assim, se *a priori* um olhar ingênuo perceberia o alargamento dos limites territoriais, por meio da reconquista de áreas perdidas, como um momento de fortalecimento do Império, em

termos econômicos, as guerras e o extenso programa de construções esvaíram os recursos do governo, o que impactou severamente a população.

Já no caso de Teodora, analisando comparativamente os vícios apresentados por Procópio para descrever o casal imperial, e apresentados anteriormente na tabela, percebemos que o problema que ele encontra nela está na ausência de uma virtude libada para ocupar seu posto, de modo que ela encarnaria uma amoralidade que poderia impactar na própria natureza da sociedade futura, descaracterizando o núcleo familiar, a partir do momento em que Justino I, tio de Justiniano, e então imperador, possibilita o casamento de uma ex-atriz com seu sobrinho. Em síntese, ela simbolizaria a ruptura da família tradicional romana. Inclusive, ao se posicionar sobre o casamento dos dois, diz:

Nunca ocorreu a seu marido que sua escolha era um ultraje, visto que era possível para ele ter escolhido uma esposa de todo o Império Romano, para se casar com uma mulher que era a mais bem nascida entre todas as mulheres. e foi criado fora do olhar público, que aprendeu os caminhos da modéstia e viveu discretamente; além disso, ela poderia ser extremamente bonita e ainda virgem e até, como dizem, com seios empinados. Mas não, ele teve que tomar para si a mancha comum de toda a raça e não se deixou abater por nenhum dos fatos que afirmei. Ele tomou como esposa uma mulher adornada com muitas grandes abominações, para não falar do infanticídio que ela havia praticado regularmente em seus abortos voluntários. Não acho necessário dizer mais nada sobre o caráter do homem. Este casamento é suficiente para destacar todos os muitos vícios da alma. (Prokopios, *Anekdotai*, II, 10, 1-4)

Referindo-se à Teodora como abominável, ou pior, como mancha para toda raça, busca-se diminuir e questionar sua aptidão para o posto de imperatriz, desenvolvendo argumentos que contam, em minúcias, sobre seu passado teatral, sexualizando seu corpo, de maneira que as críticas, ao contrário do que acontece com seu marido, não se dá pela redução de sua inteligência. Posto isso, faz-se um esforço textual imenso para menosprezar as qualidades dessa mulher, seja por se delongar especificamente sobre suas origens nos palcos teatrais, seja por utilizar um linguajar sem meandros para pormenorizar seus supostos atos obscenos, praticados antes de chegar à casa imperial.

Para Procópio, ela era a representação das raízes da ruína do estado romano (Prokopios, *Anekdotai*, II, 9, 1). Sem quaisquer meias palavras, o texto vai exemplificando, com riqueza de detalhes, todos os momentos em que Teodora, antes de se tornar imperatriz, permite e desfruta do uso carnal de seu corpo (Prokopios, *Anekdotai*, II, 9, 24), associando-a à figura de uma prostituta, função atribuída às atrizes no mundo antigo. Fazendo isso, tem-se

por objetivo revelar possíveis ações cometidas por ela que envergonhariam a antiga tradição romana, construindo uma personagem vulgar e que não mereceria o respeito da sociedade.

Assim que ela atingiu a puberdade e estava madura o suficiente, ela se juntou às mulheres no palco e imediatamente se tornou uma garota de programa por direito próprio. Ela pertencia ao posto mais baixo, que antigamente chamavam de ‘infantaria de base’. Como ela não tinha habilidade com o aulos, nem podia cantar ou se apresentar no grupo de dança: tudo o que ela tinha a oferecer aos clientes que passavam era sua juventude, e ela colocava todo o seu corpo para trabalhar por eles. (Prokopios, *Anekdotai*, II, 9, 11-12)

A hostilidade da fala de Procópio, tratando da prostituição e da erotização do corpo da imperatriz de modo aberto, tende a caracterizar o governo de Justiniano como servil às mulheres. Portanto, é bom ressaltar que “Procópio acreditava nas virtudes femininas, mas acreditava que elas tinham pouco a ver com governo político” (KALDELLIS, 2004, p.145).

À luz disso, a maneira como escreve nos remete às comédias de Aristóфанes, com tom jocoso, de forma que a ridicularização que faz parece inviabilizar qualquer tipo de reivindicação de certa dignidade pela imperatriz. Consequentemente, o relato de Procópio busca isentá-la de pena, como se ela merecesse apenas o nojo das pessoas, tamanha a transparência com o qual ele se expressa (KALDELLIS, 2004, p. 149). Sobre a visão que a sociedade tinha sobre ela antes de se tornar imperatriz, Procópio considera:

Qualquer homem decente que a encontrasse no mercado daria meia-volta e bateria em retirada apressada, para que não toquem em um canto da roupa dessa pessoa e sintam que foram contaminados pela poluição. Aqueles que a viam, especialmente no início da manhã, a consideravam uma mulher doente. (Prokopios, *Anekdotai*, II, 9, 25-26)

Assim, a forma obscena utilizada para tratar dela faz Potter (2015) ressaltar, inclusive, sobre a necessidade de avaliarmos se não haveria nas passagens certo exagero, afastando-se da realidade concreta. Kaldellis (2004) também percebe desconforto de nosso autor, o que possivelmente residiria no próprio *ethos* de governança feminina, ou seja, na postura de Teodora perante Justiniano, concebendo a imagem dele enquanto fraco, e, por esta razão, teria sido suplantado por sua mulher. Em outras palavras, Procópio entende que o exercício da administração pelas mulheres resulta na ruptura de virtudes masculinas, o que é experimentado quando os vícios femininos atingem o poder estatal<sup>10</sup>.

Contudo, para além da questão de gênero, nosso autor tardo-antigo parece perturbado com o fato de as questões privadas estarem interferindo diretamente nas políticas públicas de

---

<sup>10</sup> Para Kaldellis (2004), a nobreza e a coragem, neste período, pareciam ser atributos masculinos, mesmo quando incorporados por mulheres.

todo um Estado, acelerando sua ruína, exemplificado na atuação da imperatriz, mesmo indiretamente, na escolha de pessoas que cercaria o governo, fazendo o possível para que seu marido se livrasse daqueles que ela considerasse uma ameaça (Prokopios, *Anekdotia*, II, 10, 10).

Por outro lado, se nos debruçarmos sobre as virtudes elencadas por Procópio ao se referir a Justiniano e à Teodora, conforme se pode observar na tabela 1.2 abaixo, percebemos numericamente o quão reduzidas são as qualidades elencadas para o casal imperial, se comparadas aos vícios analisados anteriormente.

**Tabela 1.1 Virtudes de Justiniano e de Teodora**

|            | VIRTUDES                                 | PROVENIÊNCIA DO EXCERTO                   |
|------------|------------------------------------------|-------------------------------------------|
| JUSTINIANO | “(…) o mais temido de todas as pessoas.” | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 6, 27.  |
|            | “(…) nem alto nem baixo, (…).”           | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 12.  |
|            | “(…) um pouco carnudo.”                  | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 8, 12.  |
| TEODORA    | “(…) linda de se ver.”                   | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 8.   |
|            | “(…) adequadamente atraente.”            | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 8.   |
|            | “(…) uma estrela do show.”               | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 13.  |
|            | “(…) orgulhosa da suas performances.”    | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 9, 22.  |
|            | “(…) linda de rosto (…).”                | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 10, 11. |
|            | “(…) graciosa, (…).”                     | Prokopios, <i>Anekdotia</i> , II, 10, 11. |

Fonte: Confecção da própria autora.

Avaliando qualitativamente, porém, para o caso da imperatriz, seus atributos positivos estão ligados, sobretudo, a aspectos físicos, da ordem do belo, mais uma vez na tentativa de criar a imagem carnal da personagem. Já no caso do imperador, chama atenção no discurso de Procópio o fato de Justiniano ter sido um homem muito temido. Contudo, não se tratava de um temor ligado ao respeito e à admiração pela figura do governante, mas pelo fato da população se sentir acuada por ele. Logo, Procópio irá dizer que até os juízes e os magistrados

se sentiam amedrontados ao exercer sua função, sobretudo quando se tratava de questões envolvendo a facção azul do hipódromo:

As decisões dos magistrados pareciam sair de mentes em estado de choque, escravizadas pelo medo de um único homem, enquanto os juízes emitiam seus veredictos ao resolver disputas entre partes rivais não baseadas no que lhes parecia justo e de acordo com a lei, mas dependendo se cada um dos disputantes estava em boas ou más relações com os militantes. (Prokopios, *Anekdotia*, II, 7, 32)

Por último, analisando a forma como Justiniano e Teodora trabalharam juntos no poder, Procópio de Cesaréia é muito claro ao entender que o casal imperial muitas vezes atuou em vertentes opostas, na tentativa de, inteligentemente, dividir para conquistar, como no caso da questão envolvendo os monofisitas. Mas, a despeito de qualquer bandeira levantada por eles, “os dois não fizeram nada independentemente um do outro enquanto viveram juntos” (Prokopios, *Anekdotia*, II, 10, 13). Isso revela a maneira coligada em que se deu essa chefia, mantendo o governo sólido, mesmo em situações de perigo iminente, como durante a Revolta de Nika.

Por muito tempo, todos acreditaram que seus pensamentos e políticas eram diametralmente opostos um ao outro, mas depois foi reconhecido que essa ilusão foi deliberadamente criada pelos dois para impedir que seus súditos concordassem entre si em se levantar contra eles e, assim, garantir que todas as opiniões sobre eles diferissem umas das outras. (Prokopios, *Anekdotia*, II, 10, 14)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o exposto, se olharmos para a análise que Procópio de Cesaréia faz do casal imperial de modo combinado, na obra *Anekdotia*, temos a precisa sensação de um imperador colocado como burro e como causador de desordem social, e de uma imperatriz que apresenta certa predileção política, embora com uma virtude suja pelo seu passado nos palcos. Essa percepção do autor, inclusive, talvez tenha garantido a ele a coragem necessária para escrever tal obra enquanto o imperador vivia, mas seu desconforto em relação à Teodora, mesmo traduzido enquanto medo de seu poder tentacular, o fez esperar a morte da imperatriz para lançar seus ataques à casa imperial.

Então, a própria compreensão da cronologia da escrita de nossa obra possibilita entender a grandeza que essa figura feminina, enquanto imperatriz, assumiu para o período histórico em análise, o que resulta em uma opção, por parte de Procópio, de desqualificá-la por meio de adjetivos que a vulgarizam, na tentativa de desmoralizá-la, simplesmente não

comentando sobre a perspicácia ou sobre a inteligência política dessa mulher no *locus* de poder.

Dessarte, parece que há certa intencionalidade no discurso de Procópio: a vontade de sujar a honra e a virtude da imperatriz. Por outro lado, essa mesma posição extremamente dura talvez revele que nem tudo aquilo de que nosso autor tardo-antigo descreve tenha de fato ocorrido ou que a força política dessa mulher fosse muito maior do que se imagina, pelo desconforto que ela causava em Procópio, um ilustre. De um modo ou de outro, *Anekdotia* é reveladora de um incômodo em torno da figura de Teodora, por parte de Procópio e, possivelmente, por parte de um segmento expressivo da sociedade bizantina apegada às tradições.

Por fim, a diferença no *modus operandi* das críticas tecidas parecem ter clara distinção de gênero, mantendo protocolos de ataque distintos conforme o sexo da personagem que sabatina: Justiniano enquanto alguém sem escrúpulos éticos e sem senso de justiça; Teodora, uma impura, desmanteladora da família tradicional. Ao mesmo tempo, embora vista como alguém amoral por Procópio, este reconhece o poder de mando da imperatriz, já que ela dividia o poder e as decisões com o seu marido. Essa quebra de paradigma esperado – mulheres mandando e desmandando em governos oficialmente masculinos –, parece ser a chave para a aflição do autor de nossa fonte, levando-o a gastar boa parte de sua escrita na caracterização nua e crua dos antepassados de Teodora.

## REFERÊNCIAS

ABUFALIA, David. **The great sea. A human history of the Mediterranean.** Oxford University Press, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.

BEARD, Mary. **Mulheres e Poder:** um manifesto. Trad. de Portocarrero, Celina. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

CAMERON, Averil. **Procopius and the sixth century.** London: Routledge, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

EVANS, J.A.S. **The emperor Justinian and the Byzantine Empire.** Westport: Greenwood Press, 2005.

EVANS, J.A.S. **The Empress Theodora**: partner of Justinian. Austin: University of Texas Press, 2002.

EVANS, J.A.S. **The Age of Justinian**: The Circumstance of Imperial Power. 2001.

GARLAND, Lynda. **Byzantine empresses**: women and power in Byzantium, AD 527-1204. London: Routledge, 1999.

GROTHER, Heinz. **Anekdoten**. Stuttgart: Metzler, 1984.

JIMÉNEZ, Dolores. La anécdota, un género breve: Chamfort. Çedille. **Revista de Estudios Franceses** [en línea]. 2007, p. 9-17.

KALDELLIS, Anthony. **Procopius of Caesarea**: tyranny, history, and philosophy at the end of antiquity. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

MARTIN, Thomas R. **Roma antiga**: de Rômulo à Justiniano. Porto Alegre: L&PM, 2014.

POTTER, David. **Theodora**: actress, empress, saint. New York: Oxford University Press, 2015.

PROKOPIOS. Secret History. In: KALDELLIS, Anthony. **Prokopios**: The Secret History with related texts. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc, 2010.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, 1986, p. 1053-1075.

VALLOZZA, M. Algumas anedotas sobre Demóstenes: uma releitura. **Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, [S. l.], v. 26, n. 1, 2013, p. 145–156.